

# Nova hegemonia mundial. Alternativas de mudanças e movimentos sociais

Atilio Borón (org.)  
Bueno Aires, Editorial CLACSO, 2004. 199 p.

GAUDÊNCIO FRIGOTTO\*

Ao analisar o ideário dominante de nosso tempo histórico Fredric Jameson salienta que a tese neoconservadora do *fim da história* e o pensamento pós-moderno querem nos convencer de que o modo de produção capitalista será eterno, mesmo que nossa inteligência nos indique o contrário. Essas duas formas de pensamento constroem a impressão de que *hoje é mais fácil imaginar a deterioração total da Terra e da natureza do que o colapso do capitalismo tardio; e talvez isso*

*possa ser atribuído à debilidade de nossa imaginação*<sup>1</sup>.

A debilidade de imaginação refere-se, de modo geral, à crise da teoria social que se expressa tanto pela adesão de amplos grupos de intelectuais ao pensamento neoconservador e ao pós-modernismo, quanto pela falta de uma opção radical (que vai à raiz) do pensamento crítico na apreensão do agravamento das contradições da atual fase do capitalismo.

---

\* Doutor em Ciências Humanas - Educação. Professor Titular Visitante na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

<sup>1</sup> Jameson, F. *As sementes do tempo*. São Paulo, Editora Ática, 1997, p 11.

A coletânea de textos *Nova Hegemonia Mundial. Alternativas de mudanças e movimentos sociais* condensa um conjunto de análises que nos permitem entender como o pensamento único se atualiza para manter e justificar a virulência do modo de produção capitalista e por que esse modo de produção da vida humana não pode e não será eterno.

A análise de Noam Chomsky abre a coletânea e nos instiga a perceber que a dominação, mais do que a hegemonia, é o foco básico do sistema do capital mundializado sob o imperialismo estadunidense. A estratégia central para manter a supremacia, a qualquer preço, efetiva-se por mecanismos que se reforçam: a *guerra preventiva*; a dominação dos povos pelo medo mediante agressões exemplares aos que são suspeita de ameaça; e a violência como meio de controle. Coloca-nos como desafio entender os dilemas e contradições da dominação pelo medo e pela violência.

Perry Anderson, ao discutir o *papel das idéias na construção de alternativas*, tem como tese básica que *a propriedade privada dos meios de produção permanece inalterada na mão da classe dominante, mas a forma de dominação ideológica mudou*. Se no contexto da *Guerra Fria* o capitalismo se escondia sob o nome de *mundo livre*, com o fim do bloco soviético e do socialismo real ele não precisa mais de subterfúgio e apresenta-se como sistema mundial único. A dominação ideológica, para o autor, expressa-se pelo neoliberalismo como uma referência sócio-econômica e cul-

tural universal e o *humanismo militar* como referência política universal. Destaca que na América Latina, por suas particularidades de *uma história contínua de transtornos revolucionários e lutas políticas radicais* e pela densidade dos movimentos sociais, situa-se o gérmen das alternativas. O desafio do presente, para Anderson, é o de aprofundar a organização e a luta pressionando sem tréguas os governantes *oscilantes ou oportunistas* buscando *assegurar políticas sociais mais igualitárias e justas*. Um ponto que o autor sublinha para o pensamento crítico é de que o mesmo não se ocupou da análise do humanismo militar que tem na defesa de direitos humanos abstratos a justificativa para violentar e privar milhões de seres humanos dos seus direitos reais.

O texto de Robert Dahl constitui-se em exemplo emblemático de como os pensadores liberais mais rigorosos *vêm como se produz dentro da relação capitalista, mas não como se produz essa própria relação*. Seu foco de atenção é a questão da possibilidade da igualdade política nos sistemas democráticos do capitalismo avançado. Para o autor, sistemas democráticos e sistema capitalista são sinônimos. O que o preocupa não é o fundamento da desigualdade produzido pela cisão em classes ou frações de classe no modo de produção capitalista, mas apenas as disfunções da igualdade política.

Samir Amin expõe um balanço amplo da geopolítica do imperialismo contemporâneo dialogando criticamen-

te com as teses clássicas sobre o mesmo. Estabelece interfaces com a análise de Chomsky sobre a forma que assume o imperialismo estadunidense, mediante a estratégia de guerra no processo de dominação mundial. Destaca o lugar dos Estados Unidos na economia mundial e as relações conflituosas com seus aliados naquilo que denomina de *imperialismo coletivo*. Debate a problemática do Oriente Médio no sistema imperialista e da Europa. Finaliza apontando nas diferenças entre a cultura política européia e a formação histórica dos Estados Unidos uma contradição insuperável e a razão de um provável fracasso do projeto dos Estados Unidos.

Os dois textos seguintes tratam mais especificamente da problemática Latino-Americana. Francisco de Oliveira, inspirado no livro de Eduardo Galeano, *As veias abertas da América Latina* se pergunta: *Há vias abertas para a América Latina?* Efetiva um rigoroso inventário histórico e mostra como a América Latina foi avassalada pelas políticas neoliberais do ajuste, desregulamentação e privatização, com exceção de Cuba, que resiste, mas pagando o preço da violência de um bloqueio econômico que dificulta seu projeto socialista. O resultado é um aumento extraordinário da pobreza na América Latina e que tem como contrapartida a substituição das políticas públicas por políticas compensatórias. Salienta, como também sinalizou Anderson, que os movimentos sociais como o dos Sem-Terra, que lutam por mudanças estru-

turais e que tinham no governo de Luiz Inácio Lula da Silva uma forte esperança, estão sendo limitados pelo fato de que esse governo vem se rendendo aos compromissos com os organismos internacionais. Por essa via, mostra que os desafios hoje são mais graves que os colocados pelas análises da CEPAL. A atividade produtiva da América Latina é hoje prisioneira do capital financeiro internacional que a financia e, conseqüentemente, a controla e a subordina aos seus interesses.

Armando Hart Dávalos apóia-se nas idéias e teses básicas de José Martí – *amar, pensar e agir na América Latina* – e nos convida a perceber que nesse legado podemos encontrar os caminhos para enfrentar os desafios atuais. Sob a idéia de Martí de “um equilíbrio no mundo”, tendo a universalização da educação, a elevação cultural e da ação política prática, vislumbra a chave para construir uma concepção de mundo baseado na justiça e na solidariedade entre os homens. Trata-se de construir cultura e pensamento que permitam não *fazer nenhum tipo de concessão ao imperialismo*.

Os dois últimos textos efetivam, com especificidades diversas, mas numa mesma direção, o balanço das conferências anteriores. Atílio Borón, reconhecido intelectual do pensamento crítico, retoma metodicamente os eixos básicos do conjunto dos temas da coletânea dialogando com as abordagens e apontando os desafios que trazem à teoria social e à luta política.

A coletânea se encerra com o discurso de encerramento da III Conferência Latino-Americana e Caribenha de Ciências Sociais proferido pelo Presidente Fidel Castro Ruz. Como atento e disciplinado participante de todas as conferências magistrais, com a cultura, humor e a ironia que lhes são peculiares e com detalhadas informações e dados, Castro pontuou um a um os temas e problemas abordados, estabelecendo relações com a situação cubana e mundial: batalha das idéias, relação com o povo estadunidense, militarização em escala planetária, a democracia, terrorismo, o imperialismo, a ALCA e a América Latina, a injustiça internacional. Para Castro, até o presente, o que prevaleceu na sociedade foi o cultivo do instinto. O desafio para *o mundo melhor de que todos falam deve ser da batalha da educação, da cultura da inteligência e dos valores que a humanidade criou contra os instintos que herdamos da natureza*. O substrato de fundo de sua análise foi o de sublinhar de que a história mostra que nenhum imperialismo é eterno.

O sentido e o significado densos da coletânea se explicitam em sua forma, método e conteúdo. Trata-se de um resgate do papel do pensamento crítico das ciências sociais que, para sê-lo, precisa ser radical, sem ser dogmático e ortodoxo e, ao mesmo tempo, sem esconder-se na suposta neutralidade cientificista. Revela, pois, uma análise engajada da teoria social, mantendo o mais elevado rigor analítico.

A forma se explicita pelo diálogo denso com as incongruências e as contradições do pensamento crítico e a necessidade de entenderem-se as formulações mais avançadas do pensamento liberal-conservador. Mais que isso, incorpora no debate e na coletânea as formulações de Robert A. Dahl, um dos seus atuais e notáveis representantes. Trata-se aqui, não de uma questão tática, mas de uma compreensão sublinhada por Gramsci, quando assinala que se mostra mais avançado o pensador que busca os pontos fortes e não fracos do adversário para, se for o caso, *incorporá-los de forma subordinada*.

O não dogmatismo, mas ao mesmo tempo a dimensão radical das análises, derivam do método histórico de apreensão da realidade social onde as mediações, contradições, as particularidades, as singularidades e as dimensões de universalidade constituem a materialidade dos fatos e fenômenos sociais. Daí resulta um conteúdo de análise histórica de nosso tempo com densidade de crítica da atual hegemonia mundial, evidenciando contradições profundas como da concentração exponencial de riqueza e ampliação da miséria. Contradições múltiplas que nos levam a perguntar: trata-se de um sistema que se afirma pela ideologia e consentimento, elementos cruciais da hegemonia, ou de um capitalismo tardio que se mantém pela dominação mediante o reiterado uso da violência ou guerra permanente?



Uma coletânea que demarca o compromisso da teoria social em ajudar a todas as forças e movimentos que se contrapõem ao sistema capital que tem na propriedade privada e no lucro, na exploração e na desigualdade sua essência, a construir a alternativa de relações sociais de efetiva igualdade onde o ser humano venha em primeiro lugar. A manifestação política desse confronto de classe explicita-se, no presente, pelo que representam e defendem o Fórum de Davos e o Fórum Social Mundial. Dois horizontes de sociedade e de relações sociais e vida humana inconciliáveis .

As análises e debates aqui expostos, em suma, são estímulo para a crítica sistemática ao ideário do discurso único da ideologia neoliberal, ao cientificismo e às representações fragmentárias do pensamento pós-moderno e, ao mesmo tempo, um convite para transformar a teoria social em força material. Vale dizer, em práxis efetivamente revolucionária.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Resenha de: BORÓN, Atílio. Nova hegemonia mundial. Alternativas de mudanças e movimentos sociais. Buenos Aires: Editorial CLACSO, 2004, 199 p.. Crítica Marxista, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.21, 2005, p.189-193.

***Palavras-chave:*** Hegemonia mundial; Movimentos sociais; Teoria social.